



APROXIMAÇÕES POÉTICAS PARA UMA GEOGRAFIA CRÍTICA DO URBANO

José Dario Vargas Parra

Pós-doutorando em Geografia Humana FFLCH-USP

fernforen@usp.br // fernforen@gmail.com

RESUMO:

Este trabalho propõe aproximações entre a Geografia e as Artes, com as quais contextualizar formas críticas que abordem o urbano por meio de recursos poéticos que informem aos processos teóricos, para assim, gerar espaços de discussão e debate sobre o cotidiano e a produção espacial. No percurso realizado se expõe a necessidade de introduzir o ciberespaço para relacionar, por uma parte, a alteração da concepção espacial de cidade aos aspectos tecnológicos envolvidos no urbanismo, e por outra, para identificar formas de operação poética que se elaboram críticas à dita concepção.

Palavras-chave: poética, produção de espaço, crítica urbana

GT – 9: A produção do urbano: abordagens e métodos de análise

1. INTRODUÇÃO

Diante a necessidade de construir rapidamente cidades inteiras, estamos construindo cimenteiros de concreto armado, nos quais grandes massas de população estão condenadas a morrer de tédio. Agora bem, para que servem os inventos técnicos mais assombrosos que o mundo tem nesse momento a sua disposição, se faltam às condições para tirar proveito deles, senão adicionam nada ao ócio, se a imaginação faz falta?¹

NIEUWENHUYS, Constant. Outra cidade para outra vida in *Internationale Situationniste* n° 3, p. 37. 1959.

As cidades percebidas como concentrações de construções arquitetônicas em grandes densidades, abandonadas ou frenéticas, estão atreladas de forma inseparável ao avanço técnico da indústria — tida como cultura — e às formas de produção que provêm dela. Sob esse entendimento, a produção espacial da cidade relaciona-se diretamente à *objetualização* da produção tecnológica e dá-lhe forma, subsequentemente formaliza as relações sociais que nela se produzem.

Subordinadas à indústria, tanto as políticas públicas quanto as relações sociais realizam-se na cidade por mediações — cada vez mais de tipo tecnológico — que colocam as complexidades dos atores individuais e institucionais em interação. Estas mediações estão vinculadas ao acesso de redes elétricas e hídricas, aos trabalhos [e desapropriações] via aplicativo, ao lazer das mídias digitais, ao velho *jornal de ontem*, ao *estado* [das coisas] ou, por outro lado, vinculadas às grandes movimentações de capital e de informação. Em oposição, estas mediações apagam em seu benefício o rural, tornando-o secundário, espaço da exploração agroindustrial e da extração de minérios, nestas especulações vergonhosas o urbano se debruça na paisagem, oculto atrás dos cartazes publicitários que falam só de *Cidade* nas rodovias. O rural é opacado, senão extinto, no leite *de* supermercado.

A produção poética no espaço urbano, explorada inicialmente pelo surrealismo e posteriormente pelos Situacionistas — de uma forma mais crítica, torna evidente que a cidade, o urbano, se

1 Se trouvant devant la nécessité de construire rapidement des villes entières, on est en train de bâtir des cimentières en béton armé où de grandes masses de la population sont condamnées à s'ennuyer à mort. Or, à quoi servent les inventions techniques les plus étonnantes, que le monde voit à sa disposition em ce moment, se les conditions manquent pour en tier profit, se elles n'ajoutent pas aux loisirs, si l'ímagination fait défaut? NIEUWENHUYS, Constant. *Une autre ville pour une autre vie* in *Internationale Situationniste* n° 3, p. 37. 1959. (tradução nossa)

manifesta nas suas próprias contradições como um “[...] lugar de encontros, convergência de comunicações e das informações, o urbano se torna aquilo que ele sempre foi: lugar do desejo, [...] momento do lúdico e do imprevisível” (LEFEVBRE, 2001. p. 85). As pesquisas situacionistas deixam uma série de métodos e iluminam com elaborações artísticas e críticas uma abordagem do urbano até possibilidades poéticas de produção.

Quando Debord *explode* Paris na sua obra emblemática, *Naked City* (1957) [fig. 1] revela, por uma parte, as complexidades espaciais da cidade [luz], fluxos que unem e desunem de forma díspar o arquipélago no qual a cidade se reformula, desenhando cartograficamente os movimentos urbanos possíveis e desabilitados, incluindo a espacialidade dos fragmentos e as temporalidades dos percursos, entrevê as sensações do trânsito por cada província, bairro, *Boulevard*, área industrial, militar ou parque. Em contrapartida, a operação poética realizada usa do *desvio* para alterar a cartografia padronizada, e assim, reorganizar [psico]topologicamente a cidade, desse modo critica a produção do espaço urbano existente à medida que cartografa as psicogeografias preexistentes.

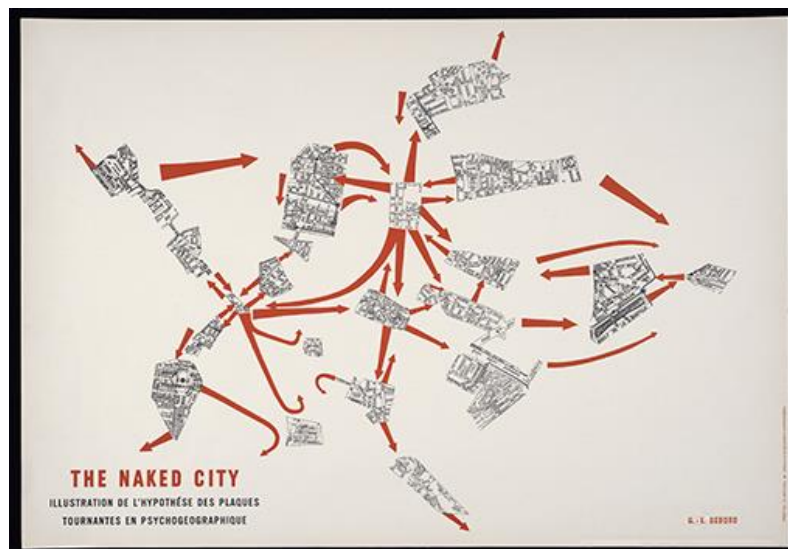


Fig. 1. The Naked City, illustration de l'hypothèse des plaques tournantes en psychogéographique. Guy Debord. Biblioteca Nacional da Franca. 1957.

Enquanto Chombart de Lauwe mapeia nos exercícios acadêmicos os percursos de seus estudantes em Paris, mostrando uma alienação [têmporo]espacial tomada por cotidiana, Debord faz seu mapeamento para enxergar as possibilidades materiais existentes de exercer mudanças sobre o espaço urbano, a partir de estudos prévios à *Construção de uma Situação*. Os ditos

estudos podem ser definidos como transições ou etapas de estudo *pré-situacional*, que usa recursos práticos — como o cinema p. e — (IS n° 1, 1958, p. 9) e recursos teóricos sem um lado ativo (planos, dados, enquetes, etc.), mas que podem modificar, a partir da representação do meio a intervir, as “representações cartográficas e intelectuais oferecendo-lhes uma complexidade maior, enriquecendo-as”² como diria Abdelhafid Khatib (IS n° 2, 1958, P. 13-14) [fig. 2].

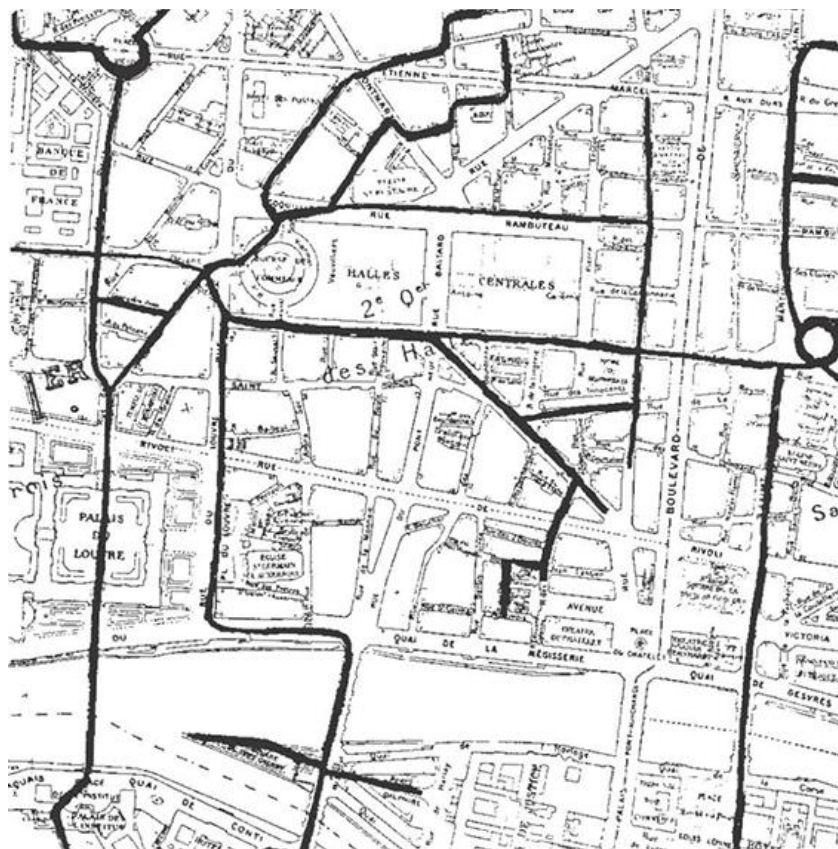


Fig. 2. Plano n° 2. - Correntes internas e comunicações externas de Les Halles. Abdelhafid Khatib (IS n° 2, 1958, p. 16)

Esta desarticulação da cidade por técnicas poéticas, responde a uma necessidade política para se pensar como crítica à retícula, estrutura que captura à produção moderna, ao urbanismo, à planificação esquemática da produção, à espacialização imagética, à arquitetura e às tecnologias com suas mediações; monótona e antinatural, como diz Rosalind Krauss, a retícula elimina a multiplicidade das dimensões pela extensão lateral de uma superfície [espaço], ubíqua na

² [Les résultats de notre étude, en retour, pourront modifier ces] représentations cartographiques et intellectuelles dans le sens d'une complexité plus grande, d'un enrichissement. (IS n° 2, 1958, P. 13-14) (tradução nossa).

modernidade é seu emblema, foi uma “descoberta” na que a vanguarda moderna desembarcou “[...] no presente declarando a pertença ao passado de todo o demais”³ [tempo] (1996, p. 23-24).

As perspectivas dos *Boulevares* e as projeções da rede urbana delimitam política e materialmente as ópticas para experimentar [a luz] a cidade, os ângulos dos pontos de vista ficam cada vez mais agudos e achatam a realidade, as distâncias dos eixos [raios] projetados reduzem-se às cercanias bruscas, aglomeram-se, *as coisas se arremetem entre si*, Benjamim diz (2014, p. 103), já Krauss opina que “a perspectiva era a demonstração de como a realidade e a sua representação podiam se justapor em um mesmo plano”⁴ (1996, p. 24). Para criar uma *distância crítica* nesse sentido [benjaminiano], Hal Foster faz alusão à *paralaxe*⁵, que implica o deslocamento aparente do objeto pelo deslocamento do observador, *deslocamentos deconstrutivos* em que os artistas minimalistas, entre eles os que experimentam o mapeamento sociológico, procuram nas práticas poéticas espaciais (2001, p. X e 195).

Interesses poéticos confluíam no estudo do espaço e na exploração da sua potência. Paralelamente às atividades Situacionistas, cuja *crítica prática* invoca a poética, para assim, analisar o cotidiano por meio de uma práxis que informa à teoria em um movimento que a constrói, o minimalismo, em particular aquele que focava o espaço como obra, experimenta com a noção de *mapping* um deslocamento do lugar da arte, Foster (2001, p. 189) enuncia: “da superfície do meio ao espaço do museu, dos marcos institucionais às redes discursivas, até tal ponto de que não poucos artistas e críticos tratam estados como o desejo ou a doença, o HIV ou a

³ [...] desembarcaron en el presente, declarando la pertenencia al pasado de todo lo demás. (KRAUSS, 1996, p. 23-24) (tradução nossa)

⁴ La perspectiva era la demostración de cómo la realidad y su representación podían solaparse en un mismo plano. (KRAUSS, 1996, p. 24) (Tradução nossa)

⁵ Esse tipo de técnica, já usada para medir distâncias astronômicas, na arte contemporânea evidencia a entrada do *participante/público* como sujeito ativo dentro da *Obra*, tanto na arte óptica (Op Art), nas que o público interage com mudanças visuais a partir de deslocamentos do ponto de vista com respeito à obra (local), quanto em obras que se realizam no espaço na interação do caminhar (localizável), experimentando com anamorfose, georeferência, realidades híbridas, etc.

carência de lar como lugares para a arte”⁶, afirmando assim que “a arte, pois, passou ao campo amplificado da cultura do qual pensava-se que a antropologia haveria de se ocupar”⁷

“Mapeamentos etnográficos” como *Homes for America* (1966) [fig. 3] de Dan Graham, cujas imagens da vizinhança, dos prédios seriais e dos modelos regularizados de habitação, se apropriavam do meio [institucional] — a revista *ArtsMagazine*, para configurar um olhar que adaptado ao formato da revista inscreve, nessa operação, o resultado poético como *estudo do cotidiano*. A fotografia e as anotações fazem lembrar o trabalho de Ralph Rumney na Veneza [fig. 4], realizando um estúdio das ambiências urbanas cujo resultado vai além do memorial descritivo cartográfico, e do mesmo modo que o trabalho fotográfico do casal de Bern e Hilla Becher [fig. 5], estas obras descrevem tipologias do urbano, ritmos marcados pelas formas arquitetônicas, pelos usos, desusos e valores de uso da *forma-cidade*, pelas relações sociais em um entorno que se transforma velozmente.

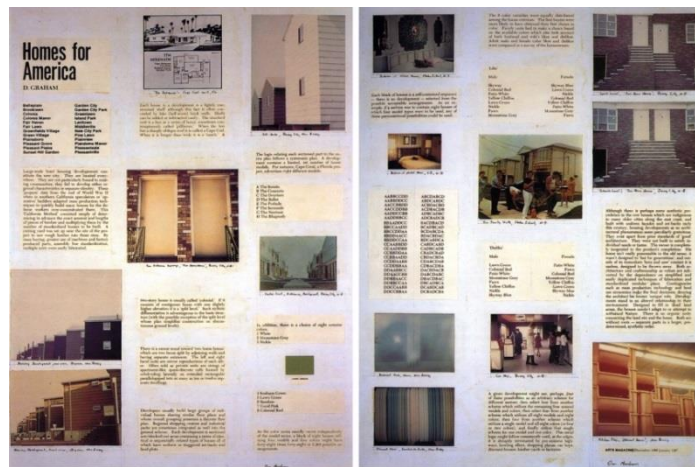


Fig. 3. *Homes for America*. Dan Graham.1966.

⁶ [...] de la superficie del medio al espacio del museo, de los marcos institucionales a las redes discursivas, hasta el punto de que no pocos artistas y críticos tratan estados como el deseo o la enfermedad, el sida o la carencia de hogar como lugares para el arte. (FOSTER, 2001. p. 189) (tradução nossa)

⁷ El arte, pues, pasó al campo ampliado de la cultura del que la antropología se pensaba que había de ocuparse. (ibid)

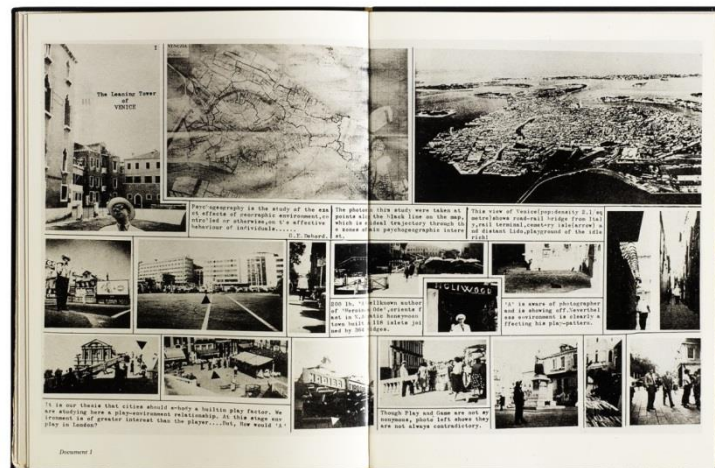


Fig. 4. *The Leaning Tower of Venice*. Ralph Rumney. 1957. Páginas internas.



Fig. 5. *Pitheads*. Bern e Hilla Becher. 1974.

Entretanto que a produção do minimalismo flertava com a geração Pop — devido ao berço de um capitalismo [pode-se dizer de ficção, ou melhor, de espetáculo] que o acolheu, Archigram, em correspondência, propõe uma arquitetura móvel com um urbanismo feito máquina, os espaços arquitetônicos mudam de lugar, se deslocam de posição, de formas gerais (como uma cidade) à formas específicas (como os apartamentos ou as habitações *modulares*) [fig. 6], personalizáveis e adaptativas, encaixam uma na outra, abrem-se caminho no horizonte, põem-se em trânsito. Apesar de um *nomadismo apologético à tecnologia* em relação à cultura de consumo, este grupo de arquitetos por meio da sua utopia tecnológica [ou *distopia espacial*] oferece características que se identificam com a atualidade urbanística e seus objetivos: uma emancipação da *rede urbana*, uma transformação dos volumes das perspectivas do real à

planimetria das relações tecnológicas, da interface nos espaços assistidos por computador, da cidade móvel: um *urbanismo medial*.

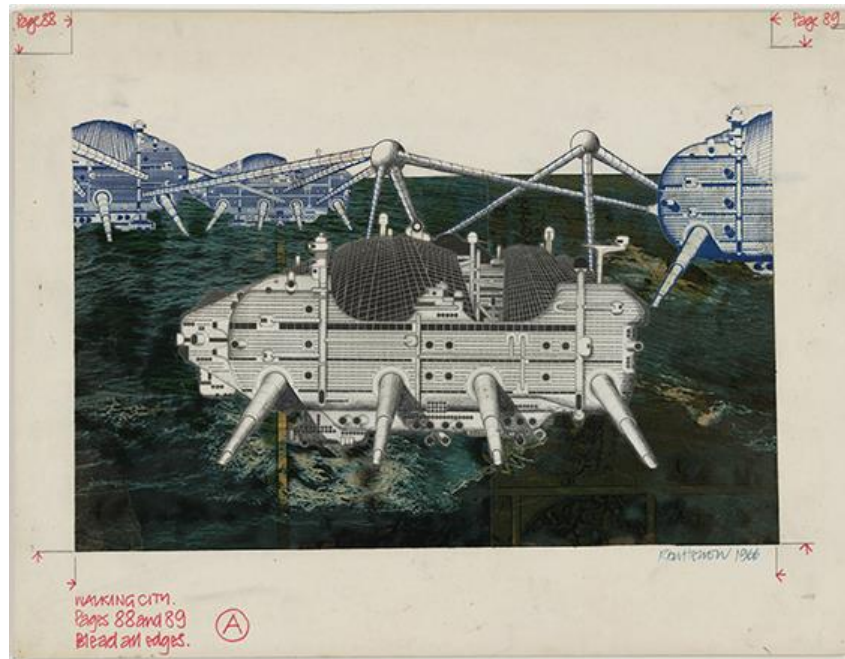


Fig. 6. *Walking City on the Ocean*. Projeto. (perspectiva exterior). Ron Herron/Archigram. 1966. Fonte: MOMA.

Essas perspectivas, formalmente similares às propostas de uma *Nova Babilônia* (1969) [fig. 7] projetada por Constant, mudam no que respeita à circulação, as visões de cidade se tornam opostas, enquanto Archigram propõe uma personalização modular do espaço que é móvel — mas que mantém um sedentarismo interno [um retraimento], Nova Babilônia propõe uma cidade mutável na experiência nômade [uma expansão], refeita em cada passo, em cada parada. Nesse sentido, não temos nenhuma dessas cidades, temos uma hibridação das duas: adaptativas, descartáveis, repetitivas, pré-fabricadas, mas vibrantes, variáveis, eventuais, a serem feitas.

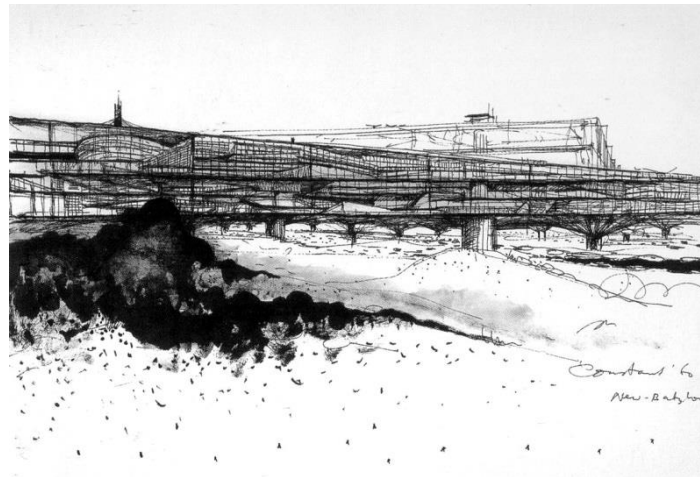


Fig. 7. New Babylon. Constant Nieuwenhuys. 1959.

2. PERSPECTIVAS

O caráter híbrido da cidade aparece nesses mapeamentos poético-críticos dos movimentos de pós ou neo-vanguarda que interagem, cada vez mais, de forma intensiva com a tecnologia e o espaço. As camadas que representam diferentes variáveis nos mapas nos falam não só das interações materiais realizadas no seu seio, mas de uma *produção de paisagem* que emerge do virtual enquanto tecnológica. Este imaginário *high tech*, contemporâneo à guerra fria e ao capitalismo espetacular, descreve uma *transdução* do material — em grande volume — para o virtual. As capturas análogas do cinema, da televisão, dos materiais industriais, que inauguraram o processo, se duplicam em informação, em dados que transitam nos valores da bolsa, no *telex*, no numérico, nas leituras e escrituras algorítmicas, nas agrimensuras do sensoriamento remoto.

Esse processo se realiza como extrapolação da perspectiva, os fractais e as novas topologias aproximam a profundidade ao plano, às telas, às superfícies. Os projetos de Constant ou de Archigram, por exemplo, foram mais que projetos, *projeções*, [superfícies] [espaços] [de] simulação, assim o urbanismo que faz do carro a cidade móvel personalizada, e da cidade faz circulação privativa, expande-se à *domótica*, uma nova gestão dos modelos habitacionais, dos espaços urbanos, dos comportamentos cotidianos assistidos, das novas condições e seus condicionamentos, seja a obra de Dan Graham ou de Abdelhafid Khatib se mostram críticas aos modelos em que a Urbe se projeta nas sombras dessa projeção.

O Coletivo Stalker considera os espaços *vazios* urbanos como espaços nômades que se deslocam nas cidades, distintos aos tidos como *públicos*, são lugares com o dinamismo outrora dos centros, porém, com menos controle do poder: *margens*, arquipélagos que interconectam suas ilhas entretecendo os fragmentos da cidade através de geometrias complexas (2002, p. 181-182). Já Hakim Bey (2001. p. 22-23) enuncia que nesse século [XX] *sem terra incógnita* e sem nada ficar *em aberto* [no access], o mapa, como *malha política*, oferece interstícios que *escapam da fita métrica*, interstícios só acessíveis com uma cartografia 1;1, em uma escala que se desdobra na realidade. Com as *Zonas Autônomas Temporárias* (TAZ), Bey propõe com a ocupação dos *vazios* presentes nessa *cartografia do controle*, o desenvolvimento da *psicotopologia* [1:1], retornando às questões sobre as quais os Situacionistas e as cartografias da *Land Art* se debruçavam. Bey, nessa proposta, também será dos primeiros em analisar o virtual como território em potencial para procurar TAZ [*uma nova terra incógnita*].

A virtualidade que aparece aqui é definida em conjunto com a realidade, quer dizer, que as operações de conversão e transdução entre realidade/virtualidade produziram uma noção de espaço complexo, em que por separado ou em conjunto, aparece o espaço construído pelas *camadas de realidades* em que se realiza, já não como virtualidade, já não como concreto, mas como interface [representação?]. O urbanismo, opina Debord, refaz a totalidade do espaço para o Capitalismo como *seu próprio cenário* (§ 169), suprime a distancia geográfica pela separação espetacular (§ 167) e isola o individuo no conjunto (§ 172) complementando criticamente o que aparece na ideologia urbanística sobre o desenvolvimento tecnológico de comunicação de massas e integra, nas suas projeções, os desdobramentos sobre a mediação tecnológica nas *Urbes: a carreira tecnológica é uma carreira urbanística* [econômica].

Com o anterior parecesse que a ordem territorial e a organização de dados tivessem equivalência, o comportamento do virtual se *estrutura* como [dado] *back-up* do concreto, o comportamento do real se *formaliza* como [ícone] *valor* do abstrato: os valores são voláteis e o concreto instável, a informação [como imagem] se torna [equivalente] capital, a *indicação* [geográfica] se torna *indexação* [infográfica] que agencia a *localidade das coisas*, a singularidade do mundo se transmite informaticamente em *ordens*, parafraseando aos Situacionistas (IS n° 8, p. 32-33), — a semântica é importante enquanto index, a mediação é a regra [operativa - funcional]. Como exploração cartográfica, a obra *Mechanics of Emotions* (2004-2014) [fig. 8] de Maurice Benayoun representa a flutuação das emoções a nível planetário por meio de indicadores

semânticos — que poderíamos chamar de *tags* — gerados pela interação na internet e *mapeia* suas intensidades, seus períodos, seus fluxos. Esta mediação também confirma mais que limites, *filtros*, sejam idiomáticos, tecnológicos, culturais como o artista argumenta (BENAYOUN, 2005).

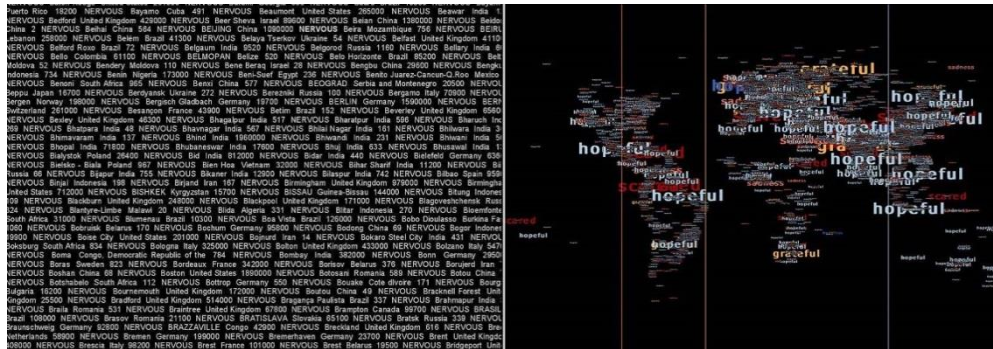


Fig. 8. Mechanics of Emotion (e-maps). Maurice Benayoun. 2005.

Nesse território informacional "[...] constituído na interseção do espaço físico com o eletrônico", um território polissêmico, diria Lemos (2006, p. 34), configura-se outro tipo de geografia, outras formas de cartografia, de psicogeografia, que emergem para mapear as complexas transformações do *espaço*. Campos de guerra virtual [fig. 9] coexistem com os Shopping Centers online, com os abaixo-assinados *.org*, com os vazamentos de uranio e informação, *como* no mundo real, mas *teledirigido*, *com* o mundo real, mas *separado*: o virtual torna-se transparente na interface [na *objetualidade*], o real torna-se invisível no perceptivo [na *subjetividade*].

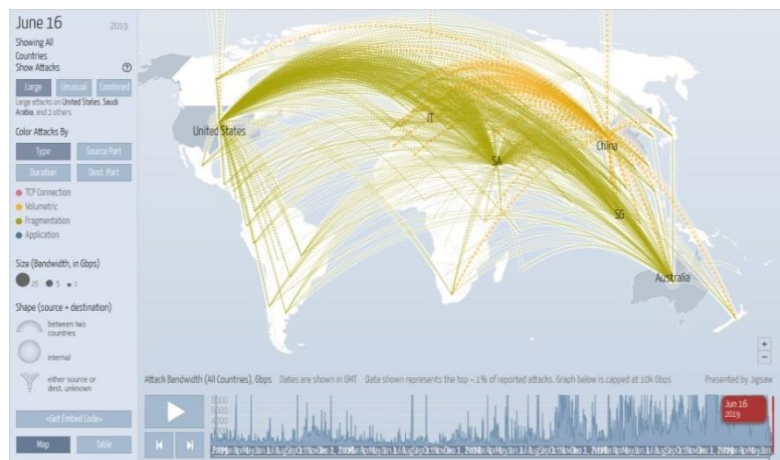


Fig. 9. Ataques mundiais tipo DDoS (Distribuição de Negação de Serviço) em tempo real. Printscren de 18/06/19. Fonte: <http://www.digitalattackmap.com/>

O uso massivo de dispositivos móveis permeou as relações sociais se tornando imprescindíveis para a comunicação com o *real*, os muros tecnológicos que se levantam com as redes e as

possibilidades de acesso constata as permanentes divergências econômico-políticas dos atores mundiais, às linguagens corporativas [como linguagem franca] se justapõem com as práticas sociais que, em resistência, desviam seus usos, formas de criar espaços e permitir a manifestação de atividades necessárias para um acesso ao real [à vida concreta]. Desde que *Reclaim The Street* [fig. 9] fez uso das redes telefônicas para convocar subversivamente suas ocupações de rua e jogou contrainformação ao redistribuir jornais alterados nas bancas, ou o uso de redes de celular para encontrar água na fronteira de México-EUA com equipamentos básicos e populares implementados pelo EDT [fig. 10], ou com o uso de *tags* em *tweets* e eventos nas redes sociais, o *desvio* dos condicionamentos embutidos na estrutura comunicativa, altera a *Ordem* com um tipo de interferência [de distúrbio] em que os espaços virtuais e os espaços geográficos se deslocam para recriar-se, para mudar o *cenário* sócio-político.



Figura 9. *Reclaim the Streets*. Ocupação da M41 Motorway. Frame. 1996.

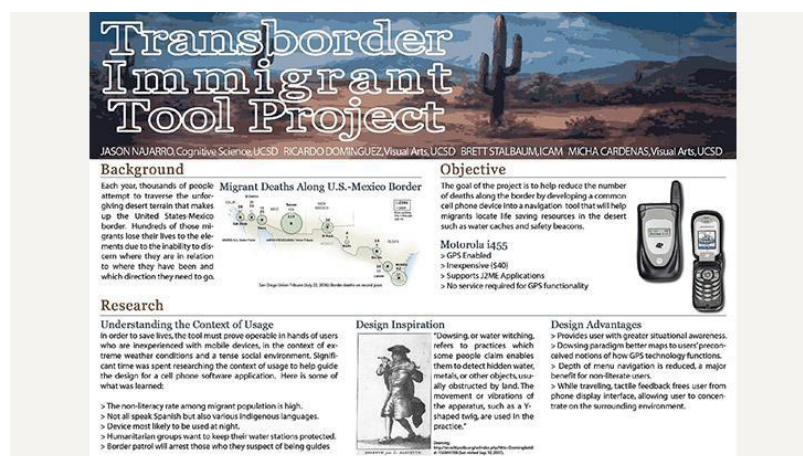


Figura 10. Poster do *Transborder Immigrant Tool*. Electronic Disturbance Theater. 2007

Se os situacionistas procuravam novas formas sociais nos interstícios da cidade para reorganizar um acesso à Vida, também seus objetivos [*seu programa*] relacionavam constantemente com o

uso de *walkie talkies* ou com a análise crítica da cartografia e do espaço urbano [como terreno de lutas], os elementos militares como influencia que se aderiu sofisticadamente à programação do ambiente urbanístico. As periferias separadas dos centros, os horários do transporte público e mesmo as telecomunicações sem fio alimentam à separação. A contestação poético-política enunciada acima, capturada pelas linguagens publicitárias transformaram os desvios de comportamento em flash-mobs para Sony Pictures, a mídia tática instrumentalizou-se para criação de *fake news* em táticas de guerra híbrida, as redes sociais não foram nunca o TAZ imaginado, todo isso, pelo contrário, familiarizou a malha política do *poder perverso*, entregou o íntimo à criação de condicionamentos [ciber]dirigidos, à vigilância orwelliana baseada em um terror invisível, ao controle huxleyano baseado no prazer insensível, enfim, uma naturalização da presença do Poder tangível e virtual, construído como substituto das políticas sociais, como cura para a insegurança das concentrações urbanas, para a violência [viral] das cidades. Apesar disso a Arte [e a crítica] explora taticamente a efemeridade e o transitório para dar passo ao *novo*, para fugir [como possibilidade] das armadilhas indefectíveis do *Sistema* e suas geografias de captura.

O advento das redes 5G, da arquitetura paramétrica, das *Smart Cities*, das mídias locativas, da *AI*⁸, dos *bots*, e da *IoT*⁹ provocou mudanças de inter-relação com a realidade [e com o cotidiano]: instantaneidade, exatidão, localização, velocidade [incerteza], a extensão do urbano não se realiza só no material, mas no semiótico. As fraturas morfológicas as quais as mídias já tinham criado um traslado da realidade à tela, operam em uma interrupção, o corte [cinematográfico] que ocorre pela incidência de diferentes geometrias na percepção espacial [geográfica-urbanística], *decupa* o espaço em *sequências*, mas cada vez mais perceptíveis na coexistência da emissão e da recepção [a redução das suas distâncias] na antiga concentração do *espaço real da coabitação* (VIRILIO, 2014, p. 71-72). Está *incidência geométrica* permite entender o ciberespaço [o virtual] como espaço informacional em que a comunicação se envolve no meio, assim Nunes (2006, p. 12) se afasta da visão da desmaterialização da comunicação pela cibernética no dualismo mensagem/mídia, para abordá-la por meio de processos relacionais no ciberespaço que se concretizam “através da forma material, da estrutura semiótica e da prática vivida.”

⁸ Artificial Intelligence / *Inteligência Artificial*.

⁹ Internet of Things / *Internet das Coisas*.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os protocolos de acesso, as portas e janelas, os hubs de informação, substituem [e em relação direta] como diria Virilio, às prolongações da natureza do limiar ligadas a sedentaridade das cidades [até a sua fisicalidade], pela representação cinemática (2014, p. 93), tornando-se um problema para abordar a *questão do trajeto* vinculado à mecânica ou a balística, e em risco se definem a objetividade e a subjetividade “certamente, mas jamais *trajetividade*” (2014, p. 126). Galloway e Thacker retomam a noção de sociedades disciplinares caracterizadas por construções semióticas físicas como assinaturas e documentação, para descrever as sociedades de controle caracterizadas por construções [semióticas] imateriais como a senha e o computador (2007. p. 35). Os muros israelenses e estadunidenses [entre outros] também apresentam analogias no ciberespaço, como *artefatos virtuais*, constitutivos do trânsito, produção e acesso à informação: *avatars*, OS’s, IP’s, VPN’s, Firewalls, xlm, keys, URI’s, TCP’s, *sites* e outras figuras nessa nova topologia nos *jogam* em um novo mundo olhado [como] por primeira vez [mas que expressa as *carências materiais* próprias do *mundo*], assim, parafraseando a Lefebvre (2002. p. 5) “Sem a experiência de necessidade e desejo, sem privação ou destituição real ou potencial, não pode haver tomada de consciência, e a liberdade nunca surgirá.”¹⁰

As narrativas geografias da obra *Videomappings: Aida, Palestine* de Till Roeskens (2008) que desenham no vidro (e no vídeo) os mapas de um acampamento palestino a partir dos relatos em *tempo real* dos habitantes, criam um lugar virtual de encontro da fala e da memória, relatos de um espaço de conflito que muda diariamente a circulação cotidiana [fig. 11]; os trabalhos de *mapping* tornam evidente a importância da noção de linguagem [escritura] para entender a formação de espaço, Nunes menciona que:

O problema do espaço se apresenta neste momento em que não podemos mais manter a lacuna ontológica entre materialidade e linguagem, quando a linguagem encontra seu lugar no mundo da experiência corporificada e a tela do computador não mais serve de limite entre o espaço real e o ciberespaço. (2006, p. 10)¹¹

¹⁰ Without the experience of need and want, without actual or potential privation and destitution, there can be no being - consciousness, and freedom will never spring forth. (LEFEVBRE, 2002, p.5) (Tradução nossa)

¹¹ The problem of space presents itself at this moment when we can no longer maintain the ontological gap between materiality and language, when language finds its place in the world of embodied experience and the computer screen no longer serves as a boundary between real space and cyberspace. (NUNES, 2006, p. 10) (tradução nossa)

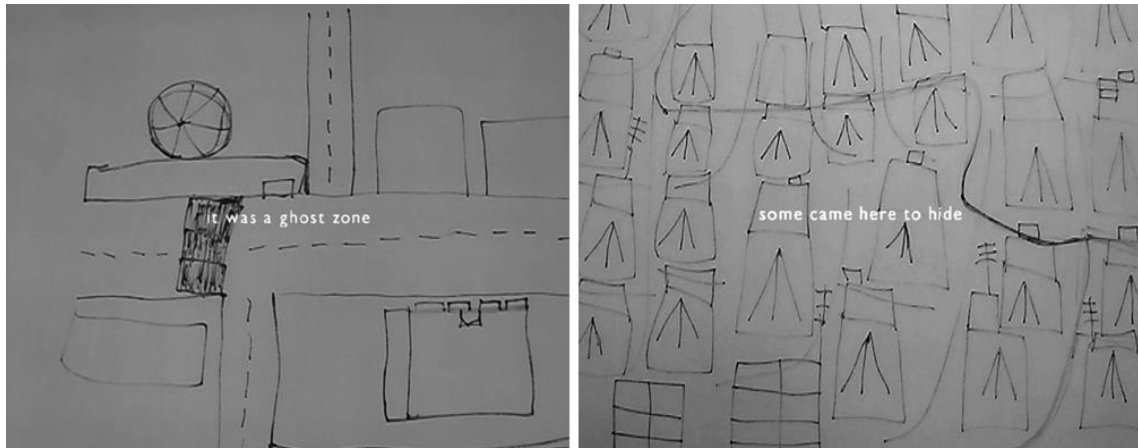


Figura 11. Videomappings: *Aida, Palestine*. Video. Dir: Till Roeskens. 2008. [Frames]

Se o efeito de deslocar como representação o território na redução cartográfica o configura geodesicamente como *valor [data]* (VIRILIO, 2014, p. 51), nas mediações matriciais e algorítmicas [*desse* espaço virtual] deve permanecer outra abordagem: o andar define um *espaço de enunciação*, “as práticas sociais espacializam em vez de se localizarem no âmbito de alguma malha repressiva de controle social” (HARVEY, 2008, p. 197), portanto o *navegar* no ciberespaço, nos espaços informacionais, nas “possíveis direções” estruturadas pelo “aqui” da interface [*dislocation*], deve considerar o duplo caráter que emerge entre espacialidade e presença aqui exposto: a localização física e a localização compartilhada (*conversão copresente – deslocamento dêitico*) (NUNES, 2006, p. 3-4) como *forma de [co]enunciação* a ser explorada, numa forma semelhante que os situacionistas anunciam no *ultradesvio*¹² (IS n° 3, 1959, p. 11), procurando um retorno da poética “sob formas inesperadas e operantes” (IS n° 8, 1963, p.33), tanto na percepção [e na produção] de espaço que se constitui nessa complexidade, quanto na construção de *métodos* de análise e prática social de uma cidade que se consolida *em torno* da justaposição de realidades, de temporalidades e espacialidades *em curso*.

4 REFERÊNCIAS

Livro/Book:

BENJAMIN, Walter. **Calle de mano única**. Buenos Aires: El Cuenca de Plata, 2014.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: El andar como práctica estética. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2002.

¹² "Ultradesvio, quer dizer, as tendências do desvio que se aplicam na vida social e cotidiana (por exemplo, as senhas, os disfarces, que pertencem à esfera do jogo)" (IS n° 3, 1963, p. 11)



DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo** – Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOSTER, Hal. **El retorno de lo real**. La vanguardia a finales de siglo. Tradução: Alfredo Brotons Muñoz. Madrid: Ediciones Akal. 2001.

GALLOWAY, Alexander R.; THACKER, Eugene. **The exploit: a theory of networks**. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2007.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Goncalves. São Paulo : Edições Loyola. 2008.

INTERNATIONALE SITUATIONNISTE - IS, 1958-1969. Paris: Librairie A. Fayard, 1997.

KRAUSS, Rosalind. **La originalidad de la vanguardia y otros mitos modernos**. Madrid: Editorial Alianza. 1996.

LEFEBVRE, Henry. **Critique of Everyday Life**. Volume II. Foundations for a Sociology of the Everyday. Tradução por John Moore. Londres: Verso. 2002.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Ed. Centauro. 2008.

NUNES, Mark. **Cyberspaces of everyday life**. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2006.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real**. Tradução de Paulo Roberto Pires. São Paulo : Editora 34. 2014.

Anais/Acta:

BENAYOUD, Maurice. **World Emotional Mapping (e-maps)**. Online. 2005. Disponível em <<http://benayoun.com/moben/2005/01/11/world-emotional-mapping-e-maps/>>. Acessado em 18/06/2019

LEMOS, A. **Cibercultura como território recombinante**. In: Evento Territórios recombinantes. Salvador: Instituto Goethe, agosto de 2006. p. 38-46. Disponível em <<https://edumidiascomunidadesurda.files.wordpress.com/2016/05/andrc3a9-lemos-cibercultura-como-territo3b3rio-recombinante.pdf>> Acessado em 18/06/2019.

Online:

RECLAIM THE STREET. Anônimo. Shepherd's Bush : Film London/London's Screen Archives. 1996. 8 min. Mudo. Colorido. Disponível em <<https://player.bfi.org.uk/free/film/watch-m41-motorway-reclaim-the-streets-1996-online>> Acessado em 21/06/19.

RECLAIM THE STREETS: THE FILM. Produzido por Austin G. de Quijano. 1998. 80 min, Colorido. Disponível em <http://www.tacticalmediafiles.net/videos/4484/Reclaim-the-Streets_-The-Film> Acessado em 23/10/19

ROESKENS, Till. **Videomappings: Aida, Palestine**. Video. Aida-Palestina: Al-Rowwad Cultural and Theatre Trainig Center. 49 min. P&b. 2009. Disponível em <<https://vimeo.com/64089801>> Acessado em 22/06/19.